



As sementes sagradas dos Xukuru do Ororubá: patrimônio genético e representação da biodiversidade indígena em Pesqueira - PE

The sacred seeds of the Xukuru of Ororubá: genetic patrimony and representation of indigenous biodiversity in Pesqueira – PE

ARAÚJO, Marli Gondim de; VIEIRA, João Luiz da Silva; MACIEL, Caio Augusto Amorim

¹UFPE, marligondim@gmail.com; ²UFPE, joao.luiz.gnr@gmail.com; ³UFPE, caio.maciell@ufpe.br

Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: O território indígena dos Xukuru do Ororubá, localiza-se no agreste pernambucano, nas cidades de Pesqueira e Poção. São 24 aldeias que ocupam 27.555 hectares, distribuídas em 3 sub-regiões fisiográficas. Um grupo de agricultores e agricultoras tem realizado a preservação, guarda e multiplicação de sementes tradicionais dos Xukuru, junto com a iniciativa de produção agrícola de base ecológica, num movimento de retomada da agricultura ancestral indígena. Os indígenas realizam ao longo do ano dois eventos para planejamento das atividades agrícolas e para a troca de sementes. Estas iniciativas caminham na direção do aumento da agrobiodiversidade no território, como também do fortalecimento da identidade indígena e dos bens comuns expressos nas sementes ancestrais Xukuru.

Palavras-chave

Povos indígenas; agricultura de base ecológica; agrobiodiversidade.

Abstract: The territory of the Xukuru do Ororubá indigenous people is located in the semi-arid region of the "agreste" of Pernambuco, in the municipalities of Pesqueira and Poção. It consists of 24 villages (aldeias) that occupy 27,555 hectares, distributed in 3 physiographic subregions. A group of farmers has carried out the preservation, conservation and multiplication of traditional seeds of the Xukuru, together with the ecologically based agricultural production initiative, in a movement to recreate indigenous ancestral agriculture. Throughout the year, the indigenous people hold two events to plan agricultural activities and to exchange seeds. These initiatives are aimed at increasing agrobiodiversity in the territory, as well as the strengthening indigenous identity and common goods expressed in Xukuru ancestral seeds.

Keywords: Indian people; ecologically based agriculture; agrobiodiversity.

Introdução

Os indígenas Xukuru habitam a Serra do Ororubá, principalmente no município de Pesqueira e uma pequena área de Poção, localizados no agreste pernambucano (Figura 1). Ali vivem cerca de 12.500 indígenas, em 24 aldeias distribuídas em três sub-regiões fisiográficas - Ribeira, Agreste e Serra, num território demarcado de 27.555 hectares. O presente trabalho objetiva refletir sobre o papel central das sementes na dinâmica da agricultura e do território indígena, reunindo a um só tempo os saberes estratégicos sobre a biodiversidade local e práticas ancestrais



calcadas na espiritualidade que reforçam a identidade Xukuru em dois eventos anuais: Encontro de Sábios e Urubá Terra.

Os agroecossistemas presentes no território indígena Xukuru incluem sobremaneira o que caracteriza a agricultura do agreste pernambucano: o policultivo e a criação de gado, estando este último ainda envolto em variadas polêmicas devido à sua relação histórica com os latifundiários ocupantes das terras dos indígenas. Com efeito, por dezenas de anos durante os séculos XIX e XX, a pecuária bovina se manteve em regime de disputa com os restritos cultivos alimentares dos Xukuru, seja em terras dentro dos limites impostos pelos fazendeiros, seja nas poucas terras livres onde os indígenas sobreviveram até a conquista definitiva em fins da década de 1990. Há que se destacar as recentes iniciativas de promoção da agrobiodiversidade e preservação dos recursos genéticos (as sementes dos ancestrais), realizadas por agricultores/as que implantam em suas terras, frutas, tubérculos, hortaliças e grãos de base ecológica, junto com criações de pequenos animais. Além disso, promoveram a guarda e multiplicação de sementes de milho, feijão, jerimum, batata doce e outras plantas importantes para a soberania e segurança alimentar dos Xukuru e que constituem seu patrimônio genético. São iniciativas que estão anunciadas como uma retomada¹ de um modo de produção assemelhado à agricultura dos ancestrais, incluindo a utilização e manuseio de ervas medicinais e de alimentos da culinária ancestral indígena Xukuru. Tal compreensão pode ser reportada como uma representação espacial da biodiversidade a partir do contraponto com a pecuária ou práticas agrícolas convencionais dos invasores que por décadas impediram a reprodução do saber daquele povo autóctone. A representação social do espaço, na Geografia, reporta-se à interação dinâmica e recíproca entre os sujeitos sociais e seu meio de vida. “Trata-se de um produto que constitui o conteúdo da representação social do espaço e é composto de símbolos, de sentimentos, de atitudes, de conhecimentos que permitem aos indivíduos tomar posição no espaço” (BONFIM & CORREIA, 2016, p.4). Assim, sementes e território são inseparáveis na percepção indígena da existência.

Somado a isso, cerca de 20 famílias de indígenas, comercializam seus produtos em feiras nos municípios de Pesqueira e Arcoverde, em três dias da semana: quarta, sexta e sábado. Diferente dos tempos em que viviam sob o domínio dos latifundiários e fazendeiros de gado, sem possibilidade de cultivar em suas terras, os indígenas atualmente vêm promovendo uma mudança na paisagem física e cultural de suas terras, produzindo uma variedade de plantas alimentares, plantas medicinais, preservando as matas, os rios e as pedras e os lajedos, o que significa um aumento na agrobiodiversidade do território. Destacamos aqui a guarda e a multiplicação das sementes ancestrais ou crioulas como uma potente estratégia na promoção da agrobiodiversidade local e na preservação do patrimônio genético dos indígenas Xukuru.

¹ A ideia de “retomada” remete ao processo de reconquista física e política do território, sendo por associação empregada na reconstrução de outros elementos da identidade indígena, como agricultura e espiritualidade.



Assim, é importante caracterizarmos, como anuncia a Carta Política do IV Encontro Nacional de Agroecologia de 2018, a biodiversidade - e aqui as sementes ancestrais Xukuru, “como um bem comum e como um componente fundamental na construção de alternativas sustentáveis de produção e consumo, que nos permite valorizar práticas em andamento e vislumbrar caminhos futuros” (ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2018, p. 21).

Metodologia

As informações aqui contidas, além de pesquisa em fontes bibliográficas, são resultado da participação, observação e registros dos autores – estudantes de doutorado e mestrado (este, um indígena Xukuru) em Geografia da UFPE e seu orientador, cujos temas de pesquisa dialogam com a agricultura indígena dos Xukuru – sobretudo em dois eventos promovidos anualmente por estes indígenas: o Encontro de Sábios (janeiro de 2017) e os Encontros Urubá Terra (novembro de 2015, 2016, 2017 e 2018), além de observações diretas e sistemáticas feitas em outros encontros, entrevistas *in loco*, intercâmbios e nas Assembleias anuais dos indígenas. A agenda anual de eventos dos indígenas, é composta de uma gama de atividades de planejamento, nas áreas de agricultura, educação, saúde, políticas conjunturais e festejos religiosos. Aqui vamos nos ater aos dois eventos citados acima que estão ligados diretamente ao planejamento e discussão da agricultura de base ecológica. Ambos são fortemente marcados pela discussão e pela presença de uma rica diversidade de sementes crioulas (sementes não híbridas guardadas pelos povos tradicionais).

Sementes crioulas – bem comum

A defesa das sementes crioulas como um bem comum se coaduna com a ideia de que estas não devem ser uma propriedade privada de corporações cujo objetivo e forma de propagação servem unicamente ao lucro e enriquecimento dos empresários, donos de apenas três empresas que controlam mais de 60% da produção e comercialização de sementes comerciais e de produtos agrícolas no mundo (KRINNINGER, 2017). As sementes são, como evidencia o Documentário, *Semillas, bien comum o propiedad corporativa?* (2013), um patrimônio que é parte integral da defesa do território, da vida e da autonomia dos povos.

Iniciativa recente e ousada, a constituição da Casa de Sementes e Centro de Formação da Agricultura Tradicional Mãe Zenilda, localizada na Aldeia Couro Dantas, visa dar continuidade aos processos formativos quanto à agricultura tradicional Xukuru, ao Sistema de Cura Tradicional e às atividades de produção de artesanato desenvolvida por mulheres e homens no território indígena. No I Seminário da Educação do Campo e II Seminário de Agroecologia do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), campus Pesqueira, realizado no local no período de



5 a 7 de junho de 2019, foi lançada a Carta da Casa das Sementes, cujo conteúdo reafirma a importância da agricultura de base ecológica e dos encantados:

Acreditamos que a agroecologia, a agricultura do encantamento que respeita a terra e fortalece a soberania alimentar da população com a valorização de sua diversidade, possibilita aos povos do campo dignidade e respeito, sendo o caminho que deve ser trilhado por nosso país na busca de uma verdadeira alimentação. (CARTA DA CASA DE SEMENTES, 2019)

E é nesse sentido que os indígenas Xukuru defendem a guarda de suas sementes, como uma defesa de seu território, tão arduamente conquistado, à custa de muitas lutas e sofrimentos, cuja ênfase sempre foi pautada na defesa dos direitos dos Xukuru de viver, plantar e colher e na manutenção do território sagrado.

Os encontros sobre a agricultura dos ancestrais e de partilha de sementes

Ao longo do ano, dois eventos se destacam quanto ao foco na agricultura e na partilha de sementes e mudas: o Encontro de Sábios e Sábias Xukuru e o Encontro Urubá Terra. O Encontro de Sábios tem reúne agricultores/as, jovens, estudantes, mas sobretudo os indígenas mais velhos, aqui denominados de sábios/as, detentores do conhecimento tradicional, para que estes socializem seus saberes a partir de uma leitura e interpretação dos sinais do tempo² e da natureza. É também nesse momento que as sementes que foram redescobertas e reintroduzidas no território são apresentadas aos indígenas.

O Encontro Urubá Terra (Figura 2), realizado desde o ano de 2013 é um momento em que agricultores/as, mulheres, jovens e estudantes se reúnem para discutir a agricultura e sua relação com os diversos setores estratégicos dos Xukuru, como a saúde e a educação. A ênfase aqui, no entanto, é na exposição e troca de sementes tradicionais ou crioulas, propiciando aos indígenas intercâmbios de conhecimentos e acesso a sementes de milho, feijão, mandioca, fruteiras, entre outras, das 24 aldeias do território. Algumas das sementes partilhadas e recentemente multiplicadas no território Xukuru, a exemplo do feijão *cabrunçu*, foram reintroduzidas na dinâmica agrícola dos indígenas a partir da participação de alguns agricultores/as na Feira das Sementes da Paixão em 2014, evento anual realizado na Paraíba, por agricultores/as e instituições de apoio às iniciativas agroecológicas do estado. É notável nos dois eventos, a riqueza e a diversidade de sementes, sobretudo de milho e feijão que os indígenas guardam, reproduzem e partilham entre eles.

² As previsões populares do tempo e da “invernada” são comuns no Nordeste, fazendo parte da cultura camponesa. Nesse contexto, os indígenas apresentam uma série de observações e procedimentos peculiares.



Conclusões

Para os indígenas Xukuru, a agricultura é modo de vida. O plantar, o colher, o comer, mas também o curar, o cultivar, são a base e o fundamento de sua reprodução social. Daí a necessidade de se reunirem e socializarem os saberes dos mais velhos, mas também a partir da relação com os *jetir*, os espíritos encantados, na língua Xukuru. A Casa de Sementes Mãe Zenilda se constitui numa estratégia potente de formação para os indígenas.

As sementes ancestrais partilhadas pelos agricultores e agricultoras são sementes crioulas e essa característica lhes confere o lugar de patrimônio genético dos indígenas, além de integrar e reforçar a identidade indígena Xukuru. As recentes iniciativas de guarda, preservação, partilha e a potencial multiplicação desse patrimônio para os próximos plantios e para as próximas gerações de agricultores indígenas, representam sinais concretos de comprometimento e de responsabilidade com a agrobiodiversidade e com os bens comuns da humanidade.

Referências

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. **Carta Política** (do) IV Encontro Nacional de Agroecologia. Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade. Belo Horizonte, Minas Gerais, junho de 2018.

BONFIM, N. R.; CORREIA, S. L. C. P. Representações sociais do espaço e ensino da Geografia. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia v.17, n. 58, Set/2016, p.18-31. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/issue/view/1381>, acesso em: 27 jul. 2019

CARTA DA CASA DE SEMENTES. Território Xukuru, Pesqueira (PE), 07 de junho de 2019.

COLETIVO DE SEMENTES DA AMÉRICA LATINA. **Semillas: bien comum o propiedad corporativa?** Disponível em: <http://www.agroecologia.org.br/2017/12/20/documentario-sementes-bem-comum-ou-propriedade-privada-tem-versao-legendada-em-portugues/>. Acesso em: 08 mai. 2019.

KRINNINGER, Thereza. **Quais empresas controlam o que comemos?** Deutsche Welle Brasil. Notícias, 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/quais-empresas-controlam-o-que-comemos/a-37126983>. Acesso em: 16 jun. 2019.

Figuras



Figura 1. Mapa do povo indígena Xukuru no Estado de Pernambuco
Fonte: Org.: Araújo, Marli Gondim; Souza, Tiane, 2017



Figura 2. Variedade de sementes de milho. V Encontro Urubá Terra, 2017.
Fonte: Acervo Marli Gondim